

ESPIRITUALIDADE QUARESMAL E ORIENTAÇÕES LITURGICAS PARA O TEMPO DA QUARESMA



Comissão Diocesana de Liturgia
Diocese de Votuporanga - SP



A ESPIRITUALIDADE DO TEMPO QUARESMAL

“Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes, e voltaí para o Senhor, vosso Deus” (Jl 2,13)

A Quaresma como itinerário pascal da Igreja

A Quaresma constitui, no interior do Ano Litúrgico, o início da celebração do Grande Sacramento Pascal. Não se trata de um simples tempo preparatório no sentido funcional, mas de um verdadeiro itinerário espiritual e eclesial que introduz progressivamente a Igreja no coração do Mistério Pascal de Cristo. Foi São Leão Magno quem designou a Páscoa como *Magnum Paschale Sacramentum*, reconhecendo nela o centro vital de toda a economia da salvação. Por isso, a Quaresma não pode ser compreendida de forma isolada ou moralizante: ela nasce da Páscoa e a ela conduz, como caminho pedagógico, ascético e profundamente mistagógico.

A Páscoa, de fato, ultrapassa todas as demais solenidades do Ano Litúrgico, não por uma primazia meramente ritual, mas porque nela se concentra a totalidade da ação salvífica de Deus. A Vigília Pascal — chamada por Santo Agostinho de “mãe de todas as vigílias” (cf. *Sermão 219*) — faz memória e atualiza o percurso inteiro da história da salvação: a criação do mundo (Gn 1,1–2,2), a fé obediente de Abraão no sacrifício de Isaac (Gn 22,1–18), a libertação do Egito (Ex 14,15–15,1), as promessas proféticas de restauração e vida nova (Is 55,1–11; Ez 36,16–28), culminando na participação na morte e ressurreição de Cristo (Rm 6,3–11). Todos esses eventos constituem a longa preparação histórica do acontecimento decisivo da nossa salvação: a encarnação, a paixão, a morte e a ressurreição do Filho de Deus, Jesus Cristo, cujo mistério atinge sua plena manifestação no dom do Espírito Santo, sustentador da Igreja. É para esta plenitude pascal que a Quaresma orienta e encaminha o coração da Igreja.

Por essa razão, a Páscoa exige, a cada ano, uma preparação espiritual e ascética singular. Nenhuma outra celebração conclama tamanha disposição interior. A Quaresma surge, então, como o tempo no qual a Igreja inteira é chamada a deixar-se purificar, renovar e configurar novamente ao Cristo, a fim de celebrar e receber, com maior fecundidade espiritual, a graça dos sacramentos pascais (*Paschale Sacramentum*). A conversão quaresmal não é episódica, mas estruturante: ela visa tocar o modo de crer, de celebrar e de viver.

Essa compreensão enraíza-se profundamente na Sagrada Escritura e na tradição judaica. A Quaresma nasce, de certo modo, da espiritualidade bíblica do deserto e da

experiência pascal de Israel. O simbolismo dos quarenta dias e quarenta anos atravessa toda a história da salvação: os quarenta dias do dilúvio (cf. Gn 7,4), os quarenta anos do Êxodo, durante os quais Israel aprendeu, no deserto, a depender unicamente de Deus (cf. Dt 8,2–3) os quarenta dias de Moisés no Sinai após o pecado do povo (cf. Ex 34,28), os quarenta dias de Elias a caminho do Horeb (cf. 1Rs 19,8), os quarenta dias concedidos a Nínive para a conversão (cf. Jn 3,4) e, sobretudo, os quarenta dias de Jesus no deserto das tentações (cf. Mt 4,1–11).

O Catecismo da Igreja Católica sintetiza essa tradição ao afirmar: “*A Igreja se une, a cada ano, durante os quarenta dias da grande Quaresma, ao mistério de Jesus no deserto*” (CIC, n. 540). Assim, o cristão é chamado a participar da escolha fundamental de Cristo, renovando suas promessas batismais e rejeitando, com Ele, as tentações da autossuficiência material (cf. Mt 4,3–4), da manipulação de Deus (cf. Mt 4,5–7) e do poder (cf. Mt 4,8–10). A Quaresma torna-se, portanto, um caminho de essencialidade, no qual a adesão a Deus passa necessariamente por opções concretas de renúncia e fidelidade ao seu amor misericordioso.

A liturgia, como expressão privilegiada da fé da Igreja — *lex orandi, lex credendi* — revela que a espiritualidade quaresmal não nasce da iniciativa individual, mas da escuta obediente da Palavra, da oração comum e da participação sacramental. A Igreja não inventa a Quaresma; ela a recebe da Tradição viva e a transmite como caminho seguro de conversão. Por isso, compreender a Quaresma exige escutar atentamente os Padres da Igreja, o Magistério e as orações litúrgicas, que ao longo dos séculos moldaram a experiência espiritual do povo de Deus.

Nesse horizonte, a Quaresma pode ser compreendida como o sinal sacramental da conversão contínua à qual todo cristão é chamado, até alcançar “*o estado de adulto, à estatura da plenitude de Cristo*” (Ef 4,13). A conversão, longe de ser um evento pontual, assume um caráter dinâmico e permanente: uma passagem incessante da vida segundo a carne para a vida segundo o Espírito. A consciência humilde da precariedade dessa vida nova — sempre necessitada da graça — constitui o fundamento de todo o caminho quaresmal. Como recorda a tradição espiritual em Santo Agostinho: o primeiro passo é a humildade; o segundo, ainda a humildade; o terceiro permanece a humildade. (cf. Agostinho, *Epistolae* 118, 3,22)

Historicamente, a Igreja viveu a Quaresma como a confluência de três grandes caminhos espirituais. O primeiro é o caminho catecumenal, orientado para a iniciação cristã, cuja ápice é a noite pascal, com a celebração do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia. Com a reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, a pedagogia catecumenal da Quaresma foi explicitamente recuperada, especialmente no Ano A, no qual a Igreja propõe os chamados “grandes Evangelhos joaninos”: o encontro de Jesus com a Samaritana (Jo 4,5–42), a cura do cego de nascença (Jo 9,1–41) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1–45). Esses textos, tradicionalmente vinculados à preparação dos catecúmenos, desenvolvem um itinerário

progressivo de revelação — água viva, luz do mundo e vida nova — configurando uma clara densidade batismal. Não por acaso, vivemos atualmente o Ano A (2026), no qual esse acento mistagógico se torna ainda mais evidente na experiência litúrgica da Igreja. O segundo caminho é o da conversão penitencial, que remete à prática antiga da reconciliação dos penitentes, iniciada na Quarta-feira de Cinzas e culminando na Quinta-feira Santa. Este itinerário é liturgicamente ressaltado no Ano C, com as passagens evangélicas do Filho Pródigo (Lc 15,11–32) e da mulher adúltera (Jo 8,1–11), que revelam a misericórdia de Deus diante do pecado humano.

O terceiro itinerário é o caminho pascal de Cristo, no qual a entrega conduz à vida e a elevação passa pela cruz. Ele é particularmente evidenciado no Ano B, que apresenta com clareza o núcleo cristológico do mistério: a serpente erguida no deserto, figura do Filho do Homem elevado (Jo 3,14–15; cf. Nm 21,4–9), e o grão de trigo que, ao morrer, produz fruto abundante (Jo 12,24). Esses três itinerários não se excluem, mas se interpenetram, envolvendo toda a Igreja, mãe que gera e regenera seus filhos no dinamismo da morte e da ressurreição. Dessa forma, podem ser discernidos três grandes acentos quaresmais no ciclo litúrgico: uma Quaresma batismal (Ano A), uma Quaresma cristocêntrica (Ano B) e uma Quaresma penitencial (Ano C). Embora cada ano litúrgico possua sua tonalidade própria, o ciclo A pode ser retomado sempre que as necessidades pastorais assim o exigirem, dada a centralidade do Batismo na vida cristã.

A prática quaresmal, finalmente, se concretiza nas tradicionais obras penitenciais: a oração, que regula a relação com Deus; a esmola, que ordena a relação com o próximo; e o jejum, que disciplina a relação consigo mesmo (cf. Mt 6,1–18). Jejuamos para poder partilhar, e partilhamos para que a oração se torne verdadeira e eficaz. Trata-se de uma ascese integral, que envolve o corpo, o coração e as relações. No contexto da Igreja no Brasil, esse dinamismo encontra expressão pedagógica concreta na Campanha da Fraternidade, proposta anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil como itinerário comunitário de conversão e compromisso social durante a Quaresma. Longe de reduzir-se a uma mobilização temática, ela articula fé e vida, convidando à vivência prática das obras quaresmais por meio da caridade organizada, da reflexão crítica da realidade e da transformação das estruturas que ferem a dignidade humana.

A Quaresma é, assim, chamada a tornar-se para o cristão aquilo que foi para o seu Senhor: um deserto no qual ressoa a Palavra que purifica, ilumina e conduz à maturidade espiritual. O Espírito Santo, que conduziu Jesus ao deserto (cf. Lc 4,1), guia também a Igreja neste tempo litúrgico, para que todos os seus filhos celebrem, com a Páscoa de Cristo, o próprio renascimento e a progressiva assimilação ao Ressuscitado. Colaborando com essa ação

purificadora do Espírito por meio das práticas penitenciais, do silêncio, da humildade e da conversão concreta, a Igreja cria em si aquele deserto onde Deus pode falar ao coração (cf. Os 2,16), transformando o lugar da prova em espaço de aliança e fidelidade renovada.

A espiritualidade quaresmal em Santo Agostinho, Bento XVI e Francisco

Na compreensão dos Padres da Igreja, a Quaresma não é um simples período cronológico marcado por práticas ascéticas isoladas, mas um verdadeiro tempo teológico de renovação interior, combate espiritual e retorno consciente a Deus. Trata-se de um tempo no qual a Igreja inteira é convocada a intensificar aquilo que constitui o núcleo permanente da vida cristã: a conversão do coração, a disciplina dos afetos e a caridade concreta. Essa leitura atravessa os séculos e permanece atual, sendo retomada explicitamente pelo magistério contemporâneo. Na Mensagem para a Quaresma de 2006, Bento XVI recorda que “*a Quaresma é o tempo privilegiado da peregrinação interior até Àquele que é a fonte da misericórdia*”, situando esse período litúrgico não como fuga do mundo, mas como travessia espiritual rumo ao Deus que se inclina compassivamente sobre a fragilidade humana.

Santo Agostinho insiste que a Quaresma não introduz uma exigência estranha à fé cristã, mas torna mais visível e consciente aquilo que deve caracterizar toda a existência do fiel. Em um de seus sermões quaresmais, ele exorta a comunidade a reconhecer que este tempo pede maior vigilância interior e esforço espiritual: “*Aquilo que em todo tempo é próprio da vida cristã deve agora ser praticado com maior zelo e devoção, para que se cumpra o preceito apostólico de modo mais intenso*” (cf. Agostinho, Sermão 39). A Quaresma aparece, assim, como uma intensificação da graça já recebida, não como um peso adicional imposto ao cristão, mas como um tempo em que a Igreja se deixa educar pelo olhar compassivo de Cristo, aquele mesmo olhar que Bento XVI, ainda na Mensagem da Quaresma de 2006, descreve ao afirmar: “*Jesus, ao ver as multidões, encheu-Se de compaixão por elas*” (cf. Mt 9,36).

Ao mesmo tempo, Agostinho descreve a vida interior como um campo de batalha no qual se confrontam o espírito e os desejos desordenados. Ele escreve: “*Temos dentro de nós uma luta constante: a carne combate contra o espírito e o espírito contra a carne. Se o espírito se submeter a Deus, a razão conservará a sua dignidade e nenhuma armadilha do inimigo poderá vencê-la*” (cf. Agostinho, sermão 151). A conversão quaresmal, portanto, não se reduz a práticas exteriores, mas envolve a reorganização interior da pessoa, para que Deus reassuma o centro da existência. Essa dinâmica interior é retomada pelo Papa Francisco na Mensagem para a Quaresma de 2024, quando afirma que “*o deserto é o lugar onde a nossa liberdade pode*

amadurecer numa decisão pessoal de não voltar a cair na escravidão”, evidenciando que o combate espiritual quaresmal visa sempre à liberdade dos filhos de Deus.

Essa luta interior, segundo Santo Agostinho, só encontra autenticidade quando se traduz em atitudes concretas de caridade e reconciliação. Em seus sermões sobre o jejum ele sempre deixa claro que esta prática só é agradável a Deus quando acompanhado da reconciliação fraterna, da cessação das iras e da prática concreta da humildade. Essa intuição patrística encontra eco direto no magistério do Papa Francisco, que, na Mensagem para a Quaresma de 2024, afirma de modo programático: “*A oração, a esmola e o jejum não são três atos independentes, mas um único movimento de abertura e de esvaziamento de si mesmo*”. O jejum, portanto, não é fim em si mesmo, mas expressão de um coração que se deixa desocupar para tornar-se novamente habitável pela misericórdia.

Colocados em diálogo, Santo Agostinho e os Papas Bento XVI e Francisco convergem em pontos essenciais. Todos afirmam que a Quaresma é tempo de intensificação da vida cristã ordinária; que o verdadeiro jejum exige conversão do coração; que a penitência só se torna autêntica quando gera caridade concreta; e que a luta espiritual jamais pode ser dissociada da esperança pascal, que reconduz o cristão à verdade daquilo que é e daquilo que possui.

Nesse horizonte, o itinerário quaresmal é espaço de reencontro, tempo em que o coração, despojado do supérfluo, redescobre sua origem e sua direção. O deserto deixa de ser lugar de aridez para revelar-se lugar de intimidade; a renúncia transforma-se em abertura; a penitência converte-se em desejo de proximidade. É precisamente nesse movimento interior, silencioso, mas decisivo, que se comprehende a densidade espiritual da Quaresma. Como recorda o Papa Francisco, “a Quaresma é o tempo de graça em que o deserto volta a ser o lugar do primeiro amor” (Mensagem para a Quaresma de 2024), evidenciando que a finalidade última do caminho penitencial é sempre o reencontro com Deus.

Dessa forma, a tradição patrística, em diálogo vivo e coerente com o Magistério da Igreja, apresenta a Quaresma como verdadeira escola espiritual, na qual o fiel aprende a ordenar os afetos, purificar as intenções e reencontrar a liberdade interior. Trata-se de um tempo em que a Igreja, iluminada pela sabedoria dos Padres e confirmada pela palavra pastoral dos Papas, convida cada batizado a configurar-se mais profundamente ao mistério de Cristo morto e ressuscitado, para que a Páscoa se torne, progressivamente, forma concreta e estável de vida cristã.

Lex orandi: a Quaresma rezada pela Igreja

A Quaresma não é apenas um tempo que a Igreja vive; é, antes, um tempo que a Igreja reza. E, ao rezar, ela se educa. A *lex orandi* quaresmal não se limita a acompanhar o itinerário espiritual dos fiéis, mas o gera, o sustenta e o purifica. As palavras colocadas nos lábios da assembleia, nas celebrações litúrgicas, não são neutras: elas moldam o coração, disciplinam o desejo e abrem o ser humano à iniciativa misericordiosa de Deus.

Na liturgia, a conversão não nasce do voluntarismo moral, mas do encontro com um Deus que se aproxima, que se inclina, que atravessa o deserto conosco. A Quaresma, rezada pela Igreja, é o tempo de um Deus que se abaixa para nos levantar, que entra na nossa pobreza para nos reconciliar consigo.

A Quaresma se inicia com o sinal da fragilidade: cinzas sobre a cabeça, silêncio no coração. Antes de qualquer decisão pessoal, a Igreja reza:

“Senhor, concedei-nos iniciar com o santo jejum este tempo de conversão para que, auxiliados pela penitência, sejamos fortalecidos no combate contra o espírito do mal. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.” (*Oração coleta – Quarta-Feira de Cinzas*)

Nada começa sem a graça. A oração não diz “decidimos”, mas “concede-nos”. A conversão não é conquista; é acolhida, é um processo. O caminho quaresmal não se inaugura com a força humana, mas com a permissão humilde de deixar-se conduzir. O jejum aparece como gesto inaugural, não como mortificação estéril, mas como sinal de um coração que deseja ser esvaziado para ser novamente habitado.

O combate espiritual, aqui, não tem contornos triunfalistas. Trata-se de um combate interior, silencioso, travado no espaço onde o desejo precisa ser educado e o coração, reconciliado. Ainda que esta coleta específica não mencione explicitamente a caridade, toda a tradição litúrgica da Quaresma — em suas leituras, prefácios e orações — converge para esse critério decisivo, como já visto anteriormente a penitência que não desemboca na misericórdia torna-se estéril. O combate contra o mal é inseparável da aprendizagem do amor. A purificação e conversão que a Igreja implora não é apenas moral, mas relacional. Trata-se de chegar à Páscoa com um coração mais configurado ao de Cristo, capaz de inclinar-se diante da fragilidade humana sem julgamento, mas com compaixão.

No Primeiro Domingo, a Igreja contempla Jesus no deserto e reza:

“Deus todo-poderoso, através dos exercícios anuais do sacramento da Quaresma, concede-nos progredir no conhecimento do mistério de Cristo e corresponder-lhe por uma vida Santa. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.” (*Oração coleta – 1º Domingo da Quaresma*)

A Quaresma é chamada de sacramento, sinal eficaz de uma graça que age no tempo. Não é mera recordação do deserto de Jesus, mas participação nele. O Cristo que vence a tentação não o faz pela força, mas pela fidelidade; não pela exibição do poder, mas pela obediência amorosa ao Pai.

É o mesmo Cristo que, mais adiante, se sentará cansado junto ao poço de Jacó, esperando uma mulher ferida e desorganizada em seus afetos (cf. Jo 4). Ele se abaixa, pede água, inicia o diálogo. A pedagogia quaresmal nos ensina que vencer não é esmagar o outro, mas permanecer disponível ao encontro. Compreender que o mistério de Cristo é permitir que Ele revele nossas sedes mais profundas e as cure, para que também sejam agentes de cura no Reino.

A vida santa, pedida pela oração, não é perfeccionismo espiritual, mas coerência progressiva entre o que celebramos e o modo como existimos. A Quaresma educa para uma santidade possível, pascal, atravessada pela graça.

No coração do caminho, a liturgia suspende o tom austero e deixa entrever a luz das festas que se aproximam; E suplica ao Deus da misericórdia que lhe conceda a graça de correr ao encontro das festas que se aproximam, alicerçada na fé:

“Ó Deus, que por vossa Palavra realizais de modo admirável a reconciliação do gênero humano, concede ao vosso povo cristão correr ao encontro das festas que se aproximam, cheio de fervor e exultando de fé. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.” (*Oração coleta – 4º Domingo da Quaresma*)

A Oração Coleta do 4º Domingo da Quaresma — Domingo *Laetare* — proclamada no Missal Romano, possui uma tonalidade singular dentro do itinerário penitencial: “Ó Deus, que por vossa Palavra realizais de modo admirável a reconciliação do gênero humano...”. No coração da sobriedade quaresmal, a liturgia acende uma chama de alegria. Não é ruptura do caminho, mas revelação do seu sentido.

A chave teológica está na Palavra que reconcilia. Não se trata de palavra informativa, mas modificadora. É Palavra que age, que cria, que recria. A reconciliação não é apresentada como esforço humano, mas como obra admirável de Deus. E essa afirmação ressoa com particular intensidade quando colocada sob a luz do Evangelho do próprio 4º Domingo da

Quaresma do ano A. O Evangelho do cego de nascença (cf. Jo 9,1-41). Ali, a Palavra não apenas fala sobre a luz, ela devolve a luz. Não apenas anuncia reconciliação, ela reconstitui um homem inteiro, devolvendo-lhe visão e dignidade. Cristo inclina-se, mistura saliva com terra, toca o pó e o barro volta a ser carne iluminada (cf. Gn 2,7). Aquele que fora visto apenas como objeto de debate — “quem pecou?” — torna-se pessoa visitada pela misericórdia divina. O cego de nascença deixa de ser “problema de pecado” e volta a ser rosto.

“Concedei ao vosso povo cristão correr ao encontro das festas que se aproximam, cheio de fervor e exultando de fé.” A oração não fala em caminhar lentamente, mas em correr. Há um dinamismo pascal que já começa a pulsar. A Igreja pede não apenas perseverança, mas ardor. Não uma fé resignada, mas exultante. A alegria aqui não é euforia superficial; é claridade interior. É a mesma claridade que se abre nos olhos do cego ao sair da piscina de Siloé. Ele volta vendo o mundo, mas sobretudo vendo Aquele que o viu primeiro.

A Quaresma, iluminada por este Evangelho, deixa de ser mero tempo de introspecção moral e torna-se itinerário de iluminação. O verdadeiro drama do texto joanino não está na cegueira física, mas na cegueira espiritual dos que se recusam a ver. A liturgia, ao colocar essa narrativa no centro do domingo da alegria, ensina que a conversão não é apenas abandonar o erro, mas permitir-se iluminar. É aceitar que a Palavra toque o barro da nossa história e nos devolva a dignidade de filhos e filhas de Deus.

Mesmo que a Quaresma conserve seu tom de sobriedade, neste domingo há um sopro de aurora. Tudo o que vivemos aponta para a Páscoa. A reconciliação já está em curso. Deus não permanece distante aguardando nossa subida; Ele se aproxima, toca o pó, faz do barro instrumento de criação nova. No cego de nascença, contemplamos o retrato da humanidade: marcada pela limitação, mas visitada pela luz. Preparar-se “com fervor e exultando de fé” é reconhecer que a Páscoa não será surpresa, mas plenitude do que já começou.

A *lex orandi* deste domingo revela que a conversão verdadeira não nasce do medo, mas da iluminação; não da culpa infértil, mas do encontro que devolve visão. A Igreja, rezando, educa nossos olhos. Ensina-nos a sair das cegueiras sutis: do julgamento apressado, da autossuficiência religiosa, da incapacidade de reconhecer a ação de Deus fora de nossos esquemas, das nossas vontades limitadas.

No Domingo *Laetare*, a alegria brota porque a luz já começou a vencer. A Quaresma não é apenas deserto; é também convite à manhã da ressurreição. E quem aprende a rezar com a Igreja descobre que a verdadeira reconciliação é esta: abrir os olhos e deixar-se encontrar pela Luz que nunca deixou de nos procurar e que nos concedeu o dom de ressuscitar, um dia, em plenitude.

ORIENTAÇÕES LITÚRGICAS PARA A QUARESMA

Depois de percorrer os fundamentos teológicos e espirituais do tempo quaresmal, faz-se necessário traduzir essa compreensão em critérios concretos de celebração. A liturgia não é abstração; ela toma forma em escolhas pastorais, em decisões musicais, na organização do espaço celebrativo, na pedagogia dos gestos e dos silêncios. É precisamente aí que a Quaresma se torna visível, audível e experimentável pelo povo de Deus.

Este material pensado com carinho pela *Comissão Diocesana de Liturgia* de Votuporanga, não pretende oferecer normas frias ou meras indicações técnicas, por isso nossa preocupação em contextualizar primeiro todo o espírito da Quaresma, para depois apresentar orientações litúrgicas práticas para nossas comunidades. Sempre será sobre “celebrar com espírito e verdade” e não sobre rubricismos. Cada orientação — seja dirigida aos agentes da pastoral litúrgica, aos músicos, aos responsáveis pelo espaço celebrativo ou às lideranças paroquiais — deve ser acolhida como mediação espiritual. Celebrar bem a Quaresma é formar o coração da comunidade. É permitir que os sinais falem com coerência e que a sobriedade própria deste tempo eduque os afetos, purifique expectativas e recentre o olhar ao essencial.

A Quaresma não é apenas um período do calendário; é um processo eclesial. Quando a Diocese caminha unida, assumindo critérios comuns e espiritualmente consistentes, o povo percebe a harmonia do conjunto e é conduzido com maior clareza. A unidade pastoral torna-se, então, instrumento de evangelização. Não se trata de uniformidade estética, mas de comunhão no espírito que anima as celebrações.

Somos convidados a compreender este tempo como um grande sacramento de encontro com Deus em nosso vazio. A sobriedade do espaço, a escolha criteriosa dos cantos, o lugar do silêncio, a qualidade das proclamações das leituras e das orações eucológicas, a valorização dos ritos penitenciais — tudo converge para criar um ambiente de despojamento fecundo. Assim, ao abraçar as orientações que seguem, cada agente pastoral da liturgia paroquial é chamado a assumir uma responsabilidade formativa. O que organizamos, cantamos, proclamamos e dispomos no espaço celebrativo molda a experiência espiritual do nosso povo.

Vivida dessa maneira, a Quaresma torna-se verdadeiro retiro comunitário. Não um afastamento do mundo, mas um mergulho mais consciente no mistério que celebramos. Um tempo em que a Igreja inteira, nossa Diocese inteira se recolhe, escuta, reordena-se interiormente e se prepara, com maturidade espiritual, para a explosão de luz da Vigília Pascal.

Que estas orientações sejam acolhidas não como exigências externas, mas como expressão do próprio espírito quaresmal: caminho de conversão, de unidade e de esperança. Caminho que nos conduz, juntos, às alegrias pascais.

Orientações litúrgicas para as celebrações do tempo quaresmal

O Tempo quaresmal, com efeito, dispõe para a celebração do mistério pascal tanto os catecúmenos, pelos diversos graus de iniciação cristã, como os fiéis, pela comemoração do Batismo e pela penitência. O Tempo da Quaresma vai de Quarta-feira de Cinzas até o entardecer da Quinta-feira da Semana Santa, antes da Missa da Ceia do Senhor. Do início da Quaresma até a Vigília Pascal, *não se diz o Aleluia*.

Na Quarta-feira de abertura da Quaresma (*Quarta-feira de Cinzas*), que é por toda a parte dia de jejum, faz-se a imposição das cinzas. Os domingos deste tempo são chamados 1º, 2º, 3º, 4º e 5º domingos da Quaresma. O 6º domingo, com o qual se inicia a Semana Santa, é chamado "Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor" (NALC, n. 27-31).

Espaço Litúrgico

- A cor do tempo é roxa. No Domingo *Lætare*, pode-se usar o róseo (IGMR, n. 346 d-f).
- O espaço deve ser *sóbrio*, enfatizando o tempo de *vazio, despojamento* e de *recolhimento penitencial*. É tempo de sermos reconduzidos ao excesso ao essencial: Cristo.
- Neste tempo, é proibido ornamentar o altar (presbitério) com flores. No 4º Domingo da Quaresma, conhecido popularmente na América Latina como “Domingo da Alegria”, as flores podem voltar ao espaço com muita modéstia, assim como nas Solenidades de São José e da Anunciação do Senhor. (IGMR, n. 305)
- Valorizar no espaço, neste tempo, o altar, a mesa da Palavra, a cadeira da presidência, a pia batismal e a cruz é um caminho seguro e teologicamente coerente.
- O cartaz da Campanha da Fraternidade pode assumir um local de destaque, porém nunca na mesa da Palavra ou no altar.
- Nas comunidades onde se mantém o costume, as imagens podem ser veladas, a partir do 5º Domingo da Quaresma, com tecidos da cor do tempo.

Palavras-chave: *sobriedade, vazio e despojamento*.

Canto e Música

- O uso de instrumentos musicais é permitido somente para sustentar o canto, com moderação e austerdade. Evitem-se instrumentos de percussão, como a bateria. Valorize-se o som do órgão (ou teclado) e do violão, instrumentos mais sóbrios.
- Valorizar os momentos de silêncio é uma atitude madura do músico, principalmente após a comunhão. O silêncio não é vazio infértil; é o espaço onde Deus fala.
- Em todas as Missas e celebrações dos Ofícios (onde houver), omitir-se o Aleluia e o canto do Glória. Somente nas Solenidades e Festas, bem como em celebrações especiais, dizem-se o Te Deum e o Glória, mantendo-se, porém, a omissão do Aleluia.
- O Hino da Campanha da Fraternidade não é um canto litúrgico, mas um recurso pedagógico para introduzir e ajudar o povo na vivência do tema escolhido para o ano vigente. Por isso, não deve ser escolhido como canto de abertura nas celebrações. Sugere-se que seja entoado como canto de dispersão, após a bênção final.
- A Igreja no Brasil é uma das poucas no mundo que possui um Hinário Litúrgico estruturado para ajudar as comunidades a cantar o Mistério Pascal de Cristo nas diferentes tónicas do Ano Litúrgico, inclusive no Tempo Quaresmal. Por isso, recomendamos e orientamos que os ministérios de música conheçam e se apropriem desse material tão rico.

Abaixo seguem os links onde se pode encontrar o material para todas as Missas do Tempo da Quaresma, do refrão orante ao canto final:

Cantos para a Quaresma ano A (Edições CNBB)

https://www.youtube.com/watch?v=Hq1ivZ6bZkY&list=PLDbJ_y0soIb-ZAq0jzMQf76QmGFVORoOd&index=1

Partituras – Quaresma ano A (edições CNBB)

https://drive.google.com/drive/folders/15Rs_KG7jkJc5c3H_OIS0RX5qlTcY5BCc

Palavras-chave: silêncio, moderação, sabedoria (na escolha de repertório)

Orientações Gerais

- Valorizar, por meio da tônica vocal, das pausas e da expressividade sóbria dos gestos, a densidade teológica das orações eucológicas próprias deste tempo. A coleta, a oração sobre as oferendas, a oração após a comunhão e as demais fórmulas presidenciais não são textos funcionais, mas síntese orante da fé da Igreja. Sua proclamação deve permitir que a assembleia compreenda, interiorize e assimile o conteúdo espiritual que nelas se condensa. Valorizar onde se prevê *pausa e silêncio* nos ritos e orações.
- Se a Oração da Campanha da Fraternidade for rezada durante a Missa, é aconselhável que ela seja rezada logo após a Oração do Fiéis.
- É conveniente rezar, ao fim da Missa, antes da bênção final, a Oração sobre o povo proposta para cada dia. Sua finalidade é implorar a bênção divina sobre a assembleia. O presidente invoca a proteção e a ajuda de Deus para aqueles que participaram da celebração litúrgica e que estão trilhando o caminho espiritual da Quaresma.
- Quando, por necessidade pastoral, ocorrer celebração do Matrimônio durante a Quaresma — seja dentro ou fora da Missa — deve-se sempre conceder a bênção nupcial, conforme previsto no rito. Contudo, convém orientar os esposos quanto à sobriedade própria do tempo litúrgico, evitando excessos festivos que destoem do espírito quaresmal.
- Incentivar as devoções populares próprias deste período — como a Via-Sacra, as meditações das Sete Dores de Maria, a Procissão do Encontro, as procissões penitenciais e as encenações da Paixão — reconhecendo seu valor pedagógico e sua força catequética na vida do povo. Entretanto, é fundamental recordar que tais expressões não substituem nem descentralizam a celebração dos mistérios pascais na Eucaristia e na Liturgia das Horas. As devoções orientam para o Mistério; não o substituem. São caminho que conduz à fonte, não a própria fonte.

Palavras-chave: Quaresma; pedagogia litúrgica; orações eucológicas; oração sobre o povo; devoções populares; sobriedade celebrativa.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Adolf. *O ano litúrgico: sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica.* 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos.* v. 9/1. Coleção Patrística. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. *Comentário aos Salmos.* v. 9/2. Coleção Patrística. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. *Comentário aos Salmos.* v. 9/3. Coleção Patrística. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. *Sermões II.* Tradução de E. L. de Souza Campos. Niterói: Valdemar Teodoro Editor, 2020.
- _____. *Epistula 118* (Carta 118). In: NEW ADVENT. *The Fathers of the Church.* Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/1102118.htm>. Acesso em: 13 fev. 2026.
- _____. *Sermo 39* (Sermão 39). In: NEW ADVENT. *The Fathers of the Church — A New Translation.* Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/160339.htm>. Acesso em: 13 fev. 2026.
- _____. Sermo 151 (Sermão 151). Disponível em: <https://centroculturalcampogrande.pt/sermoes.agostinho/pdf/151.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.
- BENTO XVI, Papa. Mensagem do Papa Bento XVI para a Quaresma de 2006. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/lent/documents/hf_ben-xvi_mes_20050929_lent-2006.html. Acesso em: 09 de fev. de 2026.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém.* Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catecismo da Igreja Católica.* 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. Guia Litúrgico-Pastoral (3^a edição), Brasília: CNBB, 2017.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Paschalis Sollemnitatis (a preparação e celebração das festas pascais), Brasília: CNBB, 2018.
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2024: “Através do deserto, Deus guia-nos para a liberdade”*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: <https://www.humandevlopment.va/pt/news/2024/quaresima-2024-messaggio-di-papa-francesco.html>. Acesso em: 09 de fev. de 2026.
- IGREJA CATÓLICA. Instrução Geral do Missal Romano: tradução da terceira edição típica. Brasília: Edições CNBB, 2023.